

DOSSIÊ

OS AGITADORES DA DIREITA RADICAL PORTUGUESA: EM CENA AS LIDERANÇAS DA JUVENTUDE CHEGA

***THE AGITATORS OF THE PORTUGUESE
RADICAL RIGHT: THE LEADERS OF
JUVENTUDE CHEGA TAKE THE STAGE***

Débora Messenberg * 

* Universidade de Brasília-UnB, Instituto de Ciências Sociais-ICS, Departamento de Sociologia, Brasília, DF, Brasil.
E-mail: deboramess@unb.br

RESUMO

O artigo examina a ascensão da direita radical portuguesa por meio das lideranças da Juventude Chega (JCH) nas eleições legislativas de 2024, quando o partido elegeu 50 deputados. A pesquisa adota estratégia metodológica múltipla, a qual inclui: análise de 484 publicações no Facebook, Instagram e YouTube de três deputados da JCH – Rita Matias, Madalena Cordeiro, Daniel Teixeira e do presidente André Ventura; entrevistas com deputados e dirigentes da JCH e a observação participante na IV Academia Política de Verão. O estudo, fundamentado na Teoria Crítica, identifica técnicas de psicologia de massas empregadas por esses "agitadores" contemporâneos. A análise de conteúdo revelou cinco campos semânticos estruturantes: *antiestablishment*, conservadorismo moral, nacionalismo, punitivismo e exaltação do líder. O artigo demonstra como esses atores mobilizam afetos negativos, constroem antagonismos simplificadores e utilizam narrativas conspiratórias, exploradas estrategicamente nas redes sociais. Conclui-se que o êxito do Chega articula sofisticadas técnicas propagandísticas com ansiedades sociais autênticas da juventude portuguesa, relacionadas à precarização laboral e à falta de perspectivas de futuro, que configuram terreno fértil para discursos autoritários entre as novas gerações.

Palavras-chave: Juventude do Chega; Direita Radical; Propaganda Eleitoral; Redes Sociais.

ABSTRACT

This article examines the rise of the Portuguese radical right through the leadership of Chega Youth (JCH) in the 2024 legislative elections, when the party elected 50 representatives. The research adopts a multiple methodological strategy, which includes: analysis of 484 publications on Facebook, Instagram, and YouTube by three JCH deputies – Rita Matias, Madalena Cordeiro, and Daniel Teixeira – and party president André Ventura; interviews with deputies and JCH directors; and participant observation at the IV Political Summer Academy. Grounded in Critical Theory, the study identifies mass psychology techniques employed by these contemporary "agitators." Content analysis revealed five structuring semantic fields: anti-establishment, moral conservatism, nationalism, punitivism, and leader exaltation. The article demonstrates how these actors mobilize negative affects, construct simplifying antagonisms, and utilize conspiratorial narratives, strategically exploiting social media. It concludes that Chega's success articulates sophisticated propagandistic techniques with authentic social anxieties of Portuguese youth, related to labor precarization and lack of future prospects, configuring fertile ground for authoritarian discourses among new generations.

Keywords: Chega Youth; Radical Right; Electoral Propaganda; Social Media.

INTRODUÇÃO

Até 2019, Portugal e Espanha pareciam ter erguido barreiras à “quarta onda” da direita radical na Europa (Mudde, 2019) ao impedirem a eleição de membros de seus dois principais partidos, o Chega e o VOX, para os respectivos parlamentos nacionais¹. Naquele ano, contudo, deu-se a eleição de integrantes dessas agremiações em ambas as assembleias legislativas, configurando o rompimento do chamado “excepcionalismo ibérico”, pautado na crença de que a história autoritária e os processos de democratização tardia nos dois países dificultariam o sucesso da direita radical populista em seus territórios (Manucci, 2024; Marchi, 2024; Fernández-Vázquez, 2024). Embora tardia, a ascensão da direita radical na península ibérica alinha-se ao que a literatura aponta como um processo multifatorial, que envolve crises econômicas, mudanças culturais, insatisfação com as instituições democráticas e as elites políticas e o uso estratégico das redes sociais.

A crise financeira de 2008 e as suas consequências socioeconômicas ampliaram desigualdades e precarizaram condições laborais, criando terreno fértil para discursos *anti-establishment* (Mudde, 2019; Norris; Inglehart, 2019). Segmentos economicamente vulneráveis, sentindo-se negligenciados pelos partidos tradicionais, redirecionam o seu apoio a alternativas extremadas que prometem proteção contra ameaças externas e a recuperação da estabilidade econômica (Levitsky; Ziblatt, 2018). Nessa mesma direção, acirram-se também os discursos políticos antiglobalização e de defesa da soberania nacional. Os partidos e movimentos da direita radical mobilizam narrativas repetitivas acerca da urgência de proteção da soberania nacional contra as estruturas supranacionais, catalisando sentimentos nacionalistas e protecionistas em parcela significativa do eleitorado.

No âmbito cultural, identifica-se um movimento reativo às transformações sociais aceleradas. A teoria do “backlash cultural” (Brown, 2019; Norris; Inglehart, 2019) explicita como pautas progressistas relacionadas a gênero, sexualidade e multiculturalismo são percebidas como ameaças aos valores tradicionais por segmentos conservadores da sociedade. Esse fenômeno manifesta-se ainda na mobilização anti-imigração, tema central no discurso da direita radical europeia e estadunidense. A construção discursiva do imigrante como ameaça opera em múltiplas dimensões: econômica (competição por empregos e recursos de bem-estar social), securitária (associação com terrorismo e criminalidade) e cultural-identitária (incompatibilidade de valores).

A erosão da confiança nas instituições democráticas é outro fator determinante para o crescimento da direita radical no planeta. Levitsky e Ziblatt (2018) demonstram como as normas democráticas, pautadas na cultura de tolerância mútua e na contenção institucional, deterioram-se progressivamente em contextos de extrema polarização, processo estrategicamente explorado e ampliado por forças políticas radicais. O contexto de desconfiança institucional cria vulnerabilidades sistêmicas, que facilitam a emergência de lideranças autoritárias, as quais desafiam o sistema representativo tradicional, oferecendo soluções aparentemente simples para problemas complexos.

O antielitismo é outro pilar na mobilização da direita radical contemporânea (Mudde, 2019; Rydgren, 2018; Stanley, 2018). A oposição discursiva fundamental entre “povo” e “elite” permite enquadrar intrincados processos socioeconômicos em termos

1 O Chega elegeu seu primeiro representante, André Ventura, para a Assembleia da República, nas eleições legislativas de 2019. Em abril desse mesmo ano, o VOX conquistou 24 assentos (6,9%) no Congresso dos Deputados nas eleições gerais da Espanha.

morais simplificados. A delimitação restritiva do conceito de "povo", definido em termos etnoculturais homogêneos, possibilita a construção da narrativa de "traição das elites", em que lideranças políticas tradicionais são acusadas de sacrificar os interesses da nação em favor de interesses globais, corporativos ou de minorias. Seguindo essa rota, os partidos *antiestablishment* conseguem capitalizar percepções de cartelização do sistema político, apresentando-se como as únicas alternativas autênticas ao consenso dominante (Manucci, 2024). Esse processo não apresentaria resultados tão satisfatórios caso não fosse modelado e amplificado pelo uso intensivo das redes sociais na disseminação eficiente dos discursos populistas da direita radical. É nesse ecossistema comunicacional que a oposição entre "povo" e "elite" encontra seu terreno mais fértil: performatizada, expandida e retroalimentada em ambientes de alta circulação afetiva, ela conecta produtores de conteúdo a audiências que são igualmente coprodutoras dos próprios discursos que as mobilizam.

A emergência das plataformas digitais transformou em profundidade as dinâmicas de comunicação política, criando oportunidades inéditas para atores políticos antes marginalizados. Forti (2021) explica que os movimentos radicais de direita exploram as *affordances* das mídias digitais para contornar os filtros institucionais tradicionais, o que facilita a mobilização política sem organizações intermediárias formais e permite conexões diretas entre lideranças e seus seguidores. A arquitetura algorítmica das plataformas digitais também desempenha papel crucial na disseminação de conteúdos extremistas. Os sistemas de recomendação das principais plataformas digitais tendem a privilegiar conteúdo emotivo e polarizador, criando canais de radicalização que expõem progressivamente os usuários a discursos cada vez mais sectários e maximizadores de engajamento. Nessa perspectiva, a dinâmica algorítmica favorece, em particular, as narrativas simplificadoras e sensacionalistas frequentemente empregadas pela extrema direita (Cesarino, 2022).

O êxito recente da direita radical em escala global indica que apesar de se manifestar em contextos sociopolíticos muito distintos, apresenta notáveis convergências em termos de repertórios retóricos e estratégias de atuação política. Conforme argumenta Mudde (2019), partidos e movimentos radicais desenvolvem um "núcleo ideológico" comum, caracterizado pelo nativismo, autoritarismo e populismo, que é modulado segundo particularidades locais. A difusão de enquadramentos discursivos que seguem padrões transnacionais de mobilização, mesmo que adaptados a contextos nacionais específicos, revela que se está na presença daquilo que Adorno (2015) define como uma técnica de psicologia de massas, utilizada pelos radicais de direita para fomentar a cumplicidade emocional entre os agitadores autoritários e a massa social descontente, nutrindo-se dela e aprofundando certos tipos sociais autoritários espalhados pelo corpo social.

Tomando o caso português como foco da investigação, o presente estudo irá discutir os resultados de pesquisa realizada ao longo do ano de 2024 junto ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa-ICS-UL², a qual examina a trajetória exponencial do partido Chega na Assembleia da República portuguesa, quando passou de um deputado eleito, em 2019 (ano de sua fundação), para uma expressiva bancada de cinquenta deputados (21,7% das cadeiras), conquistada nas eleições legislativas de março de 2024. O eixo da análise sobre o Chega concentra-se nos formadores de opinião vinculados diretamente à Juventude Chega (JHC), entidade partidária voltada à formação política de jovens entre 14 e 30 anos, cujo desempenho foi decisivo para a expansão eleitoral meteórica do partido. O enfoque na JHC justifica-se em função do peso eleitoral dos jovens na expansão do partido na

2 Durante o ano de 2024 realizei um pós-doutorado no ICS-UL, financiado pelo Programa Capes Print, Edital nº 41/2017, sob a supervisão do Prof. Dr. Antonio Costa Pinto.

Assembleia da República. Nas últimas eleições legislativas, 32% do eleitorado do Chega situava-se na faixa etária entre 18 e 34 anos, evidenciando a relevância desse segmento na sua base de apoio. Ademais, o partido consolidou-se como a principal força política entre os homens jovens com menor nível de escolaridade, obtendo 41% dos votos desse segmento (ICS; ISCTE, 2024).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização do trabalho adotou-se estratégia metodológica que incluiu, num primeiro momento, a identificação dos principais formadores de opinião e influenciadores digitais da Juventude Chega, que se engajaram intensamente na campanha eleitoral e obtiveram mandatos parlamentares na Assembleia da República: Rita Matias, Madalena Cordeiro e Daniel Teixeira. O levantamento dos dados foi conduzido através do inventário de suas publicações nas plataformas Facebook, Instagram e no canal oficial CHEGATV no YouTube, complementado pelo exame do conteúdo produzido pelo presidente do partido, André Ventura. Foram ainda incorporadas ao *corpus* analítico as comunicações institucionais do Partido Chega e da sua Juventude nas referidas plataformas digitais, bem como o programa oficial do partido para as eleições legislativas de 2024. O recorte temporal da pesquisa empírica circunscreveu-se ao período oficial da campanha eleitoral para a Assembleia da República, compreendido entre 25 de fevereiro e 8 de março de 2024, resultando na análise de 484 publicações.

A extração dos conteúdos foi realizada mediante a utilização de instrumentos especializados de mineração de dados. Para o Facebook, recorreu-se ao software Facepager (versão 4.4.0), que permite a coleta sistematizada de postagens públicas a partir da API da plataforma, retornando metadados estruturados que incluem: identificador da publicação, data e hora de postagem, texto integral, número de reações, comentários e compartilhamentos. Para o Instagram, utilizou-se o Apify (ator Instagram Scraper), que possibilita a extração de publicações públicas, retornando igualmente metadados que compreendem: identificador da publicação, data de postagem, legenda integral, *hashtags*, número de curtidas e comentários. O material proveniente do YouTube foi coletado manualmente a partir do canal oficial CHEGATV, com o registro sistemático dos títulos, descrições e datas de publicação dos vídeos veiculados no período delimitado. Todos os dados coletados foram organizados em planilhas e submetidos a procedimentos de limpeza e padronização antes da etapa analítica.

Para a interpretação dos dados coletados, adotou-se uma abordagem metodológica centrada na identificação e sistematização de campos semânticos, constituídos por ideias-força que emergem com regularidade e de forma repetida nos discursos políticos dos agentes sociais investigados. O procedimento analítico dialoga com os princípios da análise de conteúdo propostos por Bardin (2016), especialmente nas etapas de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Metodologicamente, aplicou-se o procedimento de “categorização temática por milha” (Bardin, 2016), no qual os campos semânticos não são estabelecidos a priori, mas emergem mediante um processo de classificação analógica e progressiva dos enunciados analisados. Na prática, esse processo envolveu a leitura flutuante do *corpus* na fase de pré-análise; a codificação aberta das unidades de registro na fase de exploração, com a identificação de recorrências temáticas e lexicais; e, por fim, a agregação das unidades em categorias temáticas mais amplas – os campos semânticos apresentados no Quadro 1 –, validadas por critérios de homogeneidade interna e diferenciação entre categorias.

Para a qualificação do material recolhido, realizaram-se entrevistas semiestruturadas com dois dos principais expoentes da Juventude Chega eleitos em março de 2024 para a Assembleia da República: a deputada Rita Matias e o deputado Daniel Teixeira. A pesquisa incorporou, também, entrevistas com dois diretores da JHC, José Matias e Rui Cardoso, além do professor e pesquisador Ricardo Marchi. As entrevistas foram realizadas entre julho e setembro de 2024. Os entrevistados foram previamente informados sobre os objetivos da pesquisa e consentiram com a gravação de suas falas, com a utilização dos dados produzidos e com a divulgação de suas identidades no âmbito de publicação científica.

Entre 13 e 15 de setembro de 2024, realizou-se ainda uma imersão de cunho etnográfico, mediante observação participante, na IV Academia Política de Verão da JHC. O registro das observações foi realizado em diário de campo, com anotações sobre as dinâmicas grupais, os conteúdos das formações, os perfis dos participantes e as interações entre lideranças e militância. Esta experiência possibilitou o contato direto com jovens militantes do Chega em um ambiente privilegiado de socialização política, configurado como espaço de formação doutrinária e integração à dinâmica organizacional do partido. No panorama político português, tais encontros exercem função estratégica enquanto canais de identificação, promoção e renovação das lideranças. Estes eventos além de garantir a visibilidade política e midiática de certos jovens militantes dos partidos portugueses, configuram-se como momentos propulsores para as suas futuras carreiras políticas.

É nesse quadro teórico e empírico que se insere o presente artigo, cujo objetivo central é analisar as estratégias comunicacionais e as técnicas de mobilização política empregadas pelas lideranças da Juventude Chega (JCH) nas eleições legislativas portuguesas de 2024, examinando de que modo elas se articulam com as técnicas de psicologia de massas descritas pela Teoria Crítica. Para tanto, o estudo identifica os campos semânticos estruturantes da propaganda eleitoral digital do Chega e da JCH, caracteriza os perfis e trajetórias políticas dos principais agitadores da direita radical juvenil portuguesa e busca compreender de que modo ansiedades sociais autênticas das juventudes são capturadas e recodificadas por narrativas autoritárias disseminadas estrategicamente nas redes sociais.

OS AGITADORES DA JUVENTUDE DO CHEGA

O século XXI assiste à proeminência dos formadores de opinião e influenciadores digitais que desempenham funções análogas – embora diferenciadas pelas mediações técnicas e históricas e pluralidade dos contextos – àquelas atribuídas, pela Teoria Crítica, aos agitadores políticos atuantes no período que abrange os primórdios da Segunda Guerra Mundial e seus desdobramentos. As técnicas de psicologia de massa descritas por Adorno (2015, 2019) e Lowenthal e Guterman (1949), embora desenvolvidas para explicar os agitadores fascistas do período entreguerras, oferecem um arcabouço teórico deveras atual para se compreender como esses agentes contemporâneos mobilizam afetos, ansiedades e ressentimentos sociais. A persistência dessas estratégias discursivas revela-se particularmente eficaz em contextos de crise econômica, insegurança ontológica e fragmentação das instituições tradicionais. Essas condições caracterizam a sociedade neoliberal e favorecem a disseminação de discursos direcionados a tipos autoritários latentes no tecido social, que exploram construções conspiratórias e canalizam o desejo coletivo por soluções simples para problemas estruturais. Dotados de grande poder persuasivo e a partir da utilização de técnicas de psicologia de massa, potencializadas pelas redes sociais, os atuais agitadores da direita radical reproduzem com insistência

discursos calculados racionalmente para provocarem efeitos irracionais típicos da propaganda fascista³.

O diálogo entre as análises frankfurtianas sobre os agitadores fascistas do período entreguerras e os agitadores contemporâneos, embora frutífero e promissor, não implica uma tentativa de equivalência histórica entre os dois fenômenos, nem mesmo pressupõe identidade nos seus determinantes estruturais, suportes comunicacionais ou formas de organização política. O próprio Adorno (2019) advertia para a necessidade de contextualizar historicamente as manifestações do autoritarismo, reconhecendo que as condições que o favorecem se reconfiguram segundo as transformações do capitalismo e das formas culturais dominantes. A relevância desse diálogo reside, antes, na persistência de estruturas psicossociais e técnicas de mobilização afetiva que, operando por mediações distintas, continuam a produzir efeitos análogos: a canalização de ansiedades difusas em antagonismos simplificadores, a construção do inimigo fantasmagórico e a identificação emocional com lideranças carismáticas. Pesquisadores contemporâneos que revisitam o legado frankfurtiano para compreender as novas configurações autoritárias (Brown, 2019; Forti, 2021; Messenberg; Camargos, 2024) reconhecem nesse arcabouço não um modelo de aplicação mecânica, mas uma gramática analítica capaz de iluminar dimensões psicossociais geralmente subestimadas nas abordagens institucionais ou eleitorais da direita radical.

Adorno (2015) identifica que a propaganda fascista opera deliberadamente no terreno da irracionalidade, distanciando-se de estratégias argumentativas convencionais. Em vez de buscar a persuasão através do convencimento racional, ela mobiliza elementos emocionais e inconscientes, criando figuras fantasmáticas do inimigo que servem como recipientes para a projeção de ansiedades coletivas. Essa técnica permite canalizar frustrações sociais difusas em direção a alvos específicos, legitimando assim o projeto autoritário de dominação. A estrutura discursiva da propaganda fascista caracteriza-se por um fluxo de ideias aparentemente desconexas, onde a coerência lógica é substituída por associações emocionais. Adorno (2019) observa que essa técnica retórica atua a partir da repetição compulsiva de palavras-chave e fórmulas estereotipadas, criando um efeito hipnótico que favorece a passividade receptiva da audiência. Tal mecanismo permite ao ouvinte abandonar-se ao fluxo emocional do discurso sem a necessidade de engajamento crítico-racional com seu conteúdo. Adorno (2015, 2019) identifica ainda no cerne da propaganda fascista, aquilo que denomina como "promessa destrutiva": uma oferta de satisfação psíquica derivada não da construção, mas da aniquilação. Ela seduz não por apresentar um projeto construtivo de futuro, mas por oferecer um apocalipse simbólico, que justifica a eliminação dos supostos inimigos da comunidade e exhibe a destruição como redenção.

Os agitadores fascistas constroem, assim, por meio de recursos retóricos recorrentes e sistematicamente reiterados, aquilo que Carone (2002) denomina como uma "comunicação entre inconscientes". Trata-se de uma técnica de psicologia das massas que articula estratégias de manipulação e gratificação emocional, sustentadas pela identificação dos indivíduos com os conteúdos discursivos e com os

3 O conceito de fascismo aqui empregado é compreendido nos termos definidos por Umberto Eco (1995) como "Ur-Fascismo ou Fascismo eterno". Segundo o autor, trata-se de "[...] uma 'nebulosa' com características peculiares, mas que não constituem um sistema, podem muitas vezes contradizerem-se entre si e estão também presentes em outras formas de despotismo, são elas: 1) culto da tradição; 2) recusa da modernidade; 3) culto da ação pela ação; 4) não aceitação de críticas; 5) medo da diferença; 6) apelo às classes médias frustradas; 7) obsessão pelo complô; 8) sentimento de humilhação pela riqueza ostensiva e pela força do inimigo; 9) princípio da guerra permanente; 10) elitismo; 11) culto do heroísmo; 12) desdém pelas mulheres e condenação de hábitos sexuais não conformistas; 13) 'populismo qualitativo'; 14) 'Novilíngua'" (Eco, 1995).

sujeitos que os enunciam. Esses atores políticos se apresentam como instâncias unificadoras, pois são percebidos por seus seguidores enquanto lideranças dotadas da capacidade de expressar suas necessidades psíquicas profundas. Essa identificação se dá na medida em que os agitadores espelham identitariamente o público que os acompanha, mas também se diferenciam, ao conseguirem exteriorizar, com liberdade e intensidade, impulsos latentes que permanecem reprimidos em seus interlocutores (Lowenthal; Guterman, 1949).

Vejamos, pois, quem são os agitadores da Juventude do Chega cujos perfis e trajetórias políticas materializam-se em dinâmicas psicossociais de natureza fascista no contexto português contemporâneo. A JHC configura-se como um espaço privilegiado para a observação desses mecanismos de mobilização e construção de enquadramentos autoritários, tendo como principais expoentes Rita Matias, Madalena Cordeiro e Daniel Teixeira, jovens deputados que exemplificam a ascensão meteórica da nova geração de políticos da direita radical em Portugal. Além, é claro, da figura central que organiza e potencializa tais discursos: André Ventura, presidente e fundador do Chega, aquele que personifica o agitador autoritário descrito pelos teóricos críticos acima discutidos.

André Claro Amaral Ventura nasceu em Algueirão, Sintra, em 15 de janeiro de 1983⁴. Passou sua infância e parte da adolescência em Mem-Martins, periferia da Grande Lisboa. É católico praticante e chegou a iniciar a sua formação eclesiástica, a qual foi interrompida, segundo ele, por ter se apaixonado pela atual esposa, Dina Marques Nunes, com quem é casado desde 2016. Licenciou-se em Direito pela Universidade Nova de Lisboa e obteve o doutoramento em Direito Público pela University College Cork, na Irlanda. Ventura ganhou notoriedade como comentador esportivo no canal de televisão CMTV, onde se destacou por suas análises controversas, além de ter sido colunista no jornal conservador *Correio da Manhã*, um dos mais lidos em Portugal. Sua carreira política inicia-se em 2013, quando se filiou ao Partido Social Democrata (PSD). Em 2017, candidatou-se à presidência da Câmara Municipal de Loures pelo PSD, numa campanha marcada por declarações polêmicas acerca da comunidade cigana, acusada de envolvimento com a criminalidade e dependente de subsídios estatais. Embora não tenha sido eleito neste pleito, sua candidatura garantiu-lhe visibilidade no cenário político nacional. Em 9 de abril de 2019, fundou o Chega, partido que, em seu site oficial, se apresenta como “[...] de direita, conservador, reformista, liberal e nacionalista, o qual se encontra filiado à tradição civilizacional portuguesa, europeia e ocidental”. Nas eleições legislativas de outubro de 2019, Ventura foi eleito deputado à Assembleia da República pelo círculo eleitoral de Lisboa, com 66.442 votos destinados ao Chega. Em janeiro de 2021, candidatou-se às eleições presidenciais portuguesas, obtendo 11,9% dos votos e ficando em terceiro lugar. Esse resultado consolidou sua posição como uma figura-chave na atual cena política portuguesa ao promover controvérsias e debates acalorados no espaço público. Sua trajetória político-midiática evidencia o domínio de técnicas de comunicação que exploram, de forma recorrente, a indignação moral seletiva, a repetição de fórmulas discursivas estereotipadas e a construção de inimigos. Seu estilo comunicacional, eficiente nas plataformas digitais, caracteriza-se pela conformação de sua figura como *outsider* político, livre de compromissos que o impeçam de apresentar-se como singular e “verdadeiro” diante de um *establishment* percebido como “corrompido”.

⁴ As informações biográficas sobre André Ventura foram obtidas a partir dos seguintes registros: perfil oficial na Assembleia da República Portuguesa (Biografia [...], [20--]a), de seu perfil público no Instagram (@andre_ventura_oficial) e no Facebook (@AndreAmaralVentura), além da cobertura jornalística sobre sua pessoa nos veículos *Público*, *Observador* e *Correio da Manhã*, consultados ao longo de 2024, registrada em diário de campo desta autora.

Rita Maria Cid Matias, nascida a 17 de outubro de 1998 em Setúbal, é licenciada em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Lisboa-ISCITE e aluna do mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais na Universidade NOVA de Lisboa⁵. Filha de Manuel Matias, ex-presidente do Partido Pró-Vida/Cidadania e Democracia Cristã (PPV/CDC), é católica praticante, antifeminista e ativa militante antiaborto. Iniciou sua trajetória política na Juventude Popular do Centro Democrático Social-Partido Popular (CDS-PP), mas em 2019 aderiu ao Chega, onde desempenha funções de relevo ao coordenar a JCH e participar da Direção Nacional do partido. Nas eleições legislativas de 2022, foi eleita deputada da Assembleia da República pelo círculo eleitoral de Lisboa, sendo a única mulher entre os 12 deputados eleitos pelo Chega nessa legislatura. Rita Matias tem presença ativa nas redes sociais, onde mobiliza com sucesso a ativação de valores tradicionais lusitanos a partir de técnicas comunicacionais contemporâneas. Seus enquadramentos discursivos nas plataformas digitais atuam na interseção entre a nostalgia de um passado idealizado e a indignação moral contra supostas ameaças à tradição ocidental, portuguesa e católica.

Madalena Simões Cordeiro nasceu em 18 de dezembro de 2003, em Vila Viçosa, Portugal⁶. Atualmente, é estudante universitária de Direito na Universidade Católica Portuguesa e integra a Direção Nacional da Juventude do Chega. Sua trajetória política iniciou-se aos 17 anos, quando se filiou a JCH. Nas eleições legislativas de 2024, foi eleita deputada pelo círculo eleitoral de Lisboa, tornando-se a mais jovem deputada da 24.ª Legislatura, sucedendo Rita Matias nessa condição. Madalena Cordeiro mantém presença ativa nas redes sociais, nas quais compartilha aspectos de sua atuação política e de sua vida pessoal. Sua ascensão no panorama político português reflete o crescente envolvimento de jovens com o Chega, onde a JHC vem ganhando notoriedade. Durante a campanha eleitoral de 2024, temas relacionados a emigração dos jovens portugueses em busca de melhores condições de vida em outros países europeus, bem como denúncias contra a hegemonia do chamado “marxismo cultural” e/ou “cultura woke” nas universidades, ganharam destaque nas suas publicações nas plataformas digitais.

Daniel Madeira Caetano Teixeira nasceu em Lisboa no dia 5 de novembro de 1995⁷. É contador e estudante de mestrado em Gestão Administrativa na *Católica Lisbon School of Business and Economics* (CLSBE). É evangélico e membro da Igreja do Evangelho Quadrangular em Portugal. Em 10 de março de 2024, foi eleito deputado à Assembleia da República pelo Chega, representando o círculo eleitoral de Setúbal. Embora tenha recebido menos destaque na mídia em comparação às demais jovens deputadas eleitas pela legenda, Daniel Teixeira é o terceiro integrante da direção nacional da JCH a conseguir assento parlamentar na XVI Legislatura. Daniel Teixeira é expoente das jovens lideranças conservadoras de matriz religiosa cristã e representante da vertente que enfatiza questões de soberania nacional e segurança pública. Sua comunicação caracteriza-se pela sistemática construção de antagonismos entre um "povo

⁵ As informações biográficas sobre Rita Matias foram obtidas a partir de seu perfil oficial na Assembleia da República Portuguesa (Biografia [...], [20--]b), de seu perfil público no Instagram (@ritamariamatias) e no Facebook (@ritamatias.chega), bem como de entrevista realizada pela autora com a deputada em setembro de 2024.

⁶ As informações biográficas sobre Madalena Cordeiro foram obtidas a partir de seu perfil oficial na Assembleia da República Portugal (Biografia [...], [20--]c), de seu perfil público no Instagram (@madalena.scordeiro), bem como da cobertura jornalística dos veículos *Público* e *Observador*, consultados ao longo de 2024, registrada em diário de campo desta autora.

⁷ As informações biográficas sobre Daniel Teixeira foram obtidas a partir de seu perfil oficial na Assembleia da República Portuguesa (Biografia [...], [20--]d), de seu perfil público no Instagram (@daniel.caetanoteixeira), bem como de entrevista realizada pela autora com o deputado em setembro de 2024.

português autêntico" e diversos "outros" – imigrantes, elites políticas tradicionais, instituições supranacionais – apresentados como ameaças à integridade nacional.

A propaganda vitoriosa do Chega nas eleições legislativas de 2024, difundida nas redes sociais por seu líder e pelos dirigentes da JHC, apresenta padrões discursivos identificáveis e categorizáveis. Observa-se a construção de antagonismos simplificadores que segmentam a realidade social em categorias morais binárias, acompanhada da utilização sistemática de casos particulares, quase sempre descontextualizados, como suposta evidência de problemas estruturais. Tal estratégia comunicacional caracteriza-se ainda pela mobilização deliberada de afetos negativos – como indignação, ressentimento e medo – em conjunção com o emprego recorrente de narrativas conspiratórias que atribuem a uma elite má e coesa a responsabilidade pelos problemas sociais. Completa esse repertório discursivo a apropriação seletiva e a ressignificação de símbolos nacionais tradicionais para a legitimação de pautas contemporâneas. Esses padrões retóricos, disseminados estrategicamente nas plataformas digitais, constituem uma gramática afetiva que orienta os seguidores a interpretar fenômenos sociais complexos a partir de lentes simplificadoras e moralizantes, estabelecendo as condições para a legitimação de projetos de caráter autoritário como respostas necessárias a supostas ameaças à comunidade política.

A AGITAÇÃO DO CHEGA NAS ELEIÇÕES LEGISLATIVAS DE 2024

O Quadro 1 apresenta as constelações de sentido e os padrões discursivos recorrentes na propaganda política veiculada nas plataformas Facebook, Instagram e no canal oficial CHEGATV no YouTube, durante o período da campanha eleitoral das eleições legislativas 2024. A análise contempla as publicações oficiais do partido, bem como aquelas divulgadas pelo presidente do Chega, André Ventura, e pelos deputados eleitos da JCH selecionados: Rita Matias, Madalena Cordeiro e Daniel Teixeira. A partir do inventário das ideias-força que permearam e estruturaram seus discursos ao longo da campanha eleitoral, foi possível identificar cinco campos semânticos predominantes: *antiestablishment*, *conservadorismo moral*, *nacionalismo*, *punitivismo* e *exaltação do líder*.

Quadro 1 – Os campos semânticos e as ideias-força da propaganda eleitoral do Chega e da JCH nas eleições legislativas 2024

ANTI-ESTABLISHMENT	CONSERVADORISMO MORAL	NACIONALISMO	PUNITIVISMO	EXALTAÇÃO AO LÍDER
Combate à Corrupção	Família Tradicional	Portugalidade	Superdimensionamento da Violência	Ventura Homem do Povo
Antiesquerdismo	Contra a Ideologia de Gênero/Cultura Woke	Anti-imigração/ Islamofobia/ Ciganofobia	Recrudescimento Penal	Ventura Corajoso
Antielitismo	Marxismo Cultural/ Anti-intelectualismo	Soberania	Exaltação dos Agentes de Segurança/Forças Armadas	Ventura Jovem
Invalidação da Mídia	Preservação dos Valores Cristãos	X	X	Ventura Self-Made Man

Fonte: Elaboração própria.

A campanha para as eleições legislativas de 2024 foi marcada pelo bordão: “Portugal precisa de uma limpeza”. Ventura prometeu “limpar Portugal” da corrupção, atacando os partidos tradicionais que, segundo ele, permitiram que a corrupção prosperasse no país. Propôs medidas para maior transparência nos processos governamentais e punições mais severas para os “políticos corruptos”. A crítica estendeu-se a toda a classe política, mas, em particular, aos partidos de esquerda, que contam, segundo os candidatos do Chega, com o apoio da mídia *mainstream* para dificultar a propagação das denúncias de corrupção feitas diariamente pelo partido. Essa narrativa encontrou ressonância no eleitorado português: apesar de Portugal não apresentar índices alarmantes de corrupção comparativamente a outros contextos, o Chega conseguiu capitalizar episódios pontuais e a percepção pública sobre o tema como alavanca eleitoral⁸. Tal abordagem assemelha-se ao que Mudde (2019) denomina como “política da indignação”, característica de partidos populistas de direita radical na Europa, nos quais a corrupção é apresentada não apenas como problema administrativo, mas como sintoma de uma degeneração moral das elites políticas.

O antiesquerdismo do Chega também não se limita a divergências programáticas ou ideológicas com os partidos de esquerda do espectro político português – notadamente o Partido Socialista (PS), o Bloco de Esquerda (BE) e o Partido Comunista Português (PCP) –, mas assume contornos de antagonismo moral, nos quais a esquerda, de forma alargada, é caracterizada como antipatriótica e promotora de agendas que ameaçariam a identidade nacional portuguesa. Articula-se, portanto, com outras dimensões de seu discurso, em particular o conservadorismo moral e o nacionalismo. Tal enquadramento encontra paralelos com estratégias discursivas adotadas por outros partidos e lideranças da direita radical europeia, em especial o Vox, na Espanha, e o Reagrupamento Nacional, na França (Rydgren, 2018).

A deslegitimação sistemática dos meios de comunicação tradicionais constitui outro componente estratégico da comunicação política do Chega. O partido acusa a mídia *mainstream* portuguesa de parcialidade e de comprometimento com determinadas agendas políticas, sobretudo de esquerda, alegando que, de forma intencional e sistemática, ela dificulta a veiculação das denúncias de corrupção feitas pelo partido. A invalidação da mídia *mainstream* acaba por servir, portanto, a múltiplos propósitos. De um lado, permite ao partido desqualificar coberturas jornalísticas críticas às suas posições ou que questionem a precisão factual de suas afirmações. De outro, justifica o investimento significativo do Chega em plataformas alternativas de comunicação, com ênfase nas redes sociais, onde consegue difundir suas mensagens sem o filtro editorial dos veículos tradicionais. Trata-se daquilo que Waisbord (2018) denomina como “política da pós-verdade”, característica da ação de atores políticos que buscam minar a credibilidade de instituições mediadoras da informação, permitindo a circulação de narrativas alternativas mais alinhadas aos seus objetivos políticos, independentemente de sua veracidade.

Há políticos demais e muitos não servem para nada! Com 100 deputados, Portugal funcionava. Com 1/3 dessas fundações, observatórios e grupos de estudo – que não servem para nada e nunca vemos resultado... Vamos acabar com a corrupção e os tachos! Nós somos a única solução para Portugal! (Ventura, 2024a).

8 Segundo o Índice de Percepção da Corrupção da Transparência Internacional, Portugal ocupa a 33ª posição entre 180 países (Transparency International, 2024), posição considerada mediana para um país da Europa Ocidental.

Travamos um embate civilizacional, temos que vencer a ditadura mental da esquerda! (Matias, 2024a).

No campo semântico do conservadorismo moral, os candidatos do Chega enfatizaram a importância da família tradicional, idealizada no modelo heteronormativo e hierárquico, apresentando-o como fundamento da sociedade e instituição ameaçada pelas transformações socioculturais contemporâneas. No programa eleitoral do Chega está literalmente expresso que a família deve ter a precedência sobre o Estado na educação dos filhos. Ali também se encontra reiterada a posição do partido contrária à legalização da eutanásia e do aborto e a defesa de uma abordagem “pró-vida”, pautada na argumentação de que a vida deve ser protegida desde a sua concepção até a morte natural. A proposição “pró-vida” foi, inclusive, justificada como política de estímulo à natalidade, já que Portugal apresenta uma das mais baixas taxas de natalidade da Europa (5º mais baixa), sendo, junto com a Itália, um dos países que detém o maior percentual de população idosa (+65) em relação ao total da população (24%).

O partido e as lideranças da JHC manifestaram-se ostensivamente contra a chamada “ideologia de gênero” e a “cultura woke”, identificadas como ameaças aos valores tradicionais portugueses e à própria estabilidade social. Criticaram as políticas que promovem a educação sobre identidade de gênero nas escolas e o conteúdo da disciplina obrigatória “Cidadania e Desenvolvimento”, a qual, segundo eles, impõe aos jovens ideologias avessas aos costumes e às tradições portuguesas. Ventura e a JHC argumentam que tais políticas são prejudiciais, pois promovem a confusão mental entre os jovens e impedem a liberdade de expressão, ao estimularem uma censura velada na sociedade. A educação deve voltar-se para conteúdos de formação profissional e moral e em consonância com os valores tradicionais lusitanos.

A concepção de “marxismo cultural” amplamente utilizada pela direita radical enquanto retórica de natureza ideológica e conspiratória, foi recorrente nas publicações dos atores investigados durante a campanha eleitoral. Segundo essa narrativa, universidades, escolas, meios de comunicação e movimentos sociais encontram-se sob o domínio de intelectuais marxistas que, há décadas, executam um projeto deliberado de subversão dos valores ocidentais. A imposição de pautas antitradicionais – como o feminismo, os direitos LGBTQIA+, o antirracismo e a crítica ao cristianismo – seria a expressão mais visível desse projeto. Tal narrativa articula-se ao anti-intelectualismo característico do discurso do Chega, que com frequência deslegitima o conhecimento acadêmico e científico quando este contradiz as posições defendidas pelo partido.

Somos jovens felizes! Não somos a caricatura dos coletivos feministas, marxistas e climáticos! Do idiota útil da esquerda, que é uma geração que é refém, que é complexada. Não somos essa geração! Somos os jovens que amam o nosso país, que temos orgulho de nossa história, da nossa bandeira! (JHC, 2024).

O Chega é hoje a casa das mulheres portuguesas [...]. Se há partidos que suas militantes dizem com orgulho que são as descendentes, que são as netas das bruxas, nós mulheres do Chega dizemos com muito orgulho que somos herdeiras das grandes mulheres portuguesas: Maria da Fonte, Dona Leonor, Dona Filipa e tantas outras! (Matias, 2024b).

A defesa dos valores cristãos é outro pilar fundamental do conservadorismo moral propagado pelo Chega. O partido apresenta-se como guardião da herança cristã

portuguesa, estabelecendo uma relação intrínseca entre cristianismo, identidade nacional e moralidade pública. A centralidade dos valores cristãos no discurso do Chega manifesta-se simbolicamente no slogan "Deus, Pátria, Família e Trabalho", tomado de empréstimo do regime do Estado Novo salazarista. A identidade cristã é inclusive fortemente mobilizada pelo Chega como marcador cultural em contraposição enfática ao Islã e aos ciganos. Essa dinâmica evidencia-se na postura anti-imigração do partido, especialmente direcionada a imigrantes de países de maioria muçulmana, caracterizados como ameaças à identidade cristã portuguesa. A postura anti-imigração manifesta-se em propostas políticas concretas e em construções discursivas que associam imigração a problemas sociais diversos. O programa do partido critica de maneira enfática o que considera como um processo deletério de imigração de "portas abertas" em Portugal e defende políticas mais rígidas de imigração, que limitem a entrada de imigrantes e aumentem o controle nas fronteiras, além de sugerir a elaboração de leis que priorizem os empregos e benefícios sociais para os cidadãos nativos sobre os imigrantes. Prevalece, assim, a concepção de que a cultura portuguesa é prejudicada pela imigração e deve ser defendida por medidas assimilacionistas e não pluralistas.

Os jovens portugueses não querem saber de casas de banhos mistas, os jovens portugueses não querem saber dos três mil pronomes que nos querem impingir. O que os jovens portugueses querem saber, é se em algum dia poderão ter um projeto de felicidade. Se em algum dia poderão constituir família, ter uma casa, ter um lar estável. Ou, se ao contrário, terão que abandonar o seu país, a sua família e partir para longe, para longe de seus pais, de seus irmãos e amigos. Deixar os seus pais ao abandono, a envelhecer sem poder estar presente e cuidar deles. Viva a Juventude! Viva o Chega! Viva André Ventura! Viva Portugal! (Cordeiro, 2024a).

O nacionalismo defendido pelo Chega envolve ainda a defesa da soberania nacional. Ventura e seus pares criticam uma suposta perda da soberania nacional em favor de instituições supranacionais, especialmente a União Europeia. O Chega apoia a existência da União Europeia, mas insiste que as relações entre os países devam ser bilaterais e não multilaterais. Rechaça, o que seria, no seu entender, o avanço de um modelo de caráter federativo para a União Europeia, o que comprometeria a soberania e a independência nacional, entendidas como um fim em si mesmas e inegociáveis. Essa concepção de soberania articula-se com a crítica à globalização e às instituições de governança global, caracterizadas como ameaças à autodeterminação nacional. A soberania, no discurso do Chega, não se limita a aspectos jurídico-políticos, mas estende-se a dimensões culturais e identitárias, fundamentando a rejeição de compromissos internacionais percebidos como incompatíveis com os valores portugueses tradicionais.

Há que se resgatar a "Portugalidade", dizem eles, expressão forjada no período salazarista, a qual se manifesta como uma qualidade própria do ser-português, ou algo específico da cultura portuguesa, um sentimento de amor por Portugal que pode e deve ser medido em seu volume. O Chega insiste na valorização da história colonial e do período do Estado Novo e recusa qualquer culpabilização histórica que venha a ser requerida como reparação de justiça. A mobilização da "Portugalidade" no discurso do Chega funciona, assim, como um mecanismo que promove tanto a coesão interna, ao forjar uma identidade comum, como de exclusão, ao discriminar os diferentes, os "outros". Essa dinâmica inclusão/exclusão é comum no discurso da direita radical que articula habilmente a substituição de categorias raciais explícitas por categorias culturais como marcadores hierárquicos.

Portugal é glória, mito, pátria amada! A nossa história é repleta de nobres lusos, homens e mulheres que tudo sacrificaram para que hoje pudéssemos ter um lugar a que chamamos de casa [...]. Seremos incansáveis na luta pela defesa da liberdade! Eles não nos intimidam! (Teixeira, 2024).

O Chega luta por uma Europa livre das garras ditatoriais do Islão! Que seja um espaço de liberdade e prosperidade e não um novo Oriente Médio, por via da invasão islâmica de que é alvo! Lutemos por uma Europa livre e próspera que respeite os direitos humanos e esteja assente na base judaico cristã em que foi fundada! (Cordeiro, 2024b).

Para além do discurso anti-imigração, enquanto defesa da “identidade nacional”, invoca-se nos discursos de Ventura e da JCH a combinação incendiária e imediata entre a imigração e o crime. Em suas postagens nas redes, assim como no programa eleitoral de 2024, esses políticos associaram a imigração ao incremento dos problemas de segurança e criminalidade no país, propondo medidas para a deportação de imigrantes ilegais. Interessante observar que, de acordo com o Global Peace Index de 2023, Portugal está classificado como o 6º país mais seguro do mundo e, em termos de índices de criminalidade, possui uma pontuação de 31,5, o que o coloca abaixo da média europeia. Comparativamente, países como França (55,3), Bélgica (49,1) e Suécia (48,5) apresentam índices de criminalidade significativamente mais elevados. Além disso, e segundo o Relatório Anual de Segurança Interna (IASI), de 2023 (Portugal, 2024), a maioria dos crimes em Portugal é cometida por cidadãos portugueses, 83,3% dos reclusos em instituições prisionais são de nacionalidade portuguesa.

A despeito da inconsistência da correlação entre o aumento da imigração com a criminalidade em Portugal, a retórica do medo e da insegurança foi recorrente na campanha eleitoral do Chega, com a veiculação de imagens de pequenos furtos sendo realizados por supostos imigrantes, assim como manifestações de desacato frente às autoridades policiais. O superdimensionamento da violência pelo Chega, além de vigorar como reforço a estereótipos e preconceitos existentes, serve como legitimação de políticas repressivas. O recrudesimento penal advogado pelo partido dirige-se à aclamação por punições mais severas, principalmente relacionadas aos crimes sexuais, ao tráfico de drogas e contra a propriedade, além de propor limitações a benefícios processuais e na fase de execução. A abordagem punitivista presente no discurso político de Ventura e seus pares da JHC explora deliberadamente a crescente insegurança social resultante do enfraquecimento dos mecanismos informais de controle. Esse fenômeno emerge como consequência direta da globalização, quando o choque entre diferentes sistemas de valores, proveniente do encontro entre culturas, produz a sensação difusa de que a ordem social está em crise (Brown, 2024).

Para o Chega, tal como para o bolsonarismo-raiz (Messenberg; Camargos, 2024) as forças de segurança devem ser valorizadas, e as suas ações mais incisivas precisariam ser firmemente apoiadas. Tal como os seus colegas brasileiros, a procura pelo apoio dessa parte do eleitorado também ficou evidente ao longo da campanha eleitoral do partido. O Chega apresenta-se como o verdadeiro defensor desses profissionais, supostamente desprestigiados pelos governos do PS e do PSD e pela "cultura de direitos humanos". O enaltecimento das forças de segurança e militares pelo Chega articula-se com a defesa da expansão de suas prerrogativas operacionais e de uma abordagem militarizada da segurança pública. Esta perspectiva manifesta-se em propostas de ampliação do porte de armas para policiais, redução de controles sobre uso da força letal e flexibilização de mecanismos de responsabilização por eventuais excessos.

Se vierem imigrantes, que venham para trabalhar, para se integrar e fazer parte! Não podem vir para cá para cometer crimes! Por isso, eu não sei qual é o espanto, quando o Chega diz que quem sendo imigrante cometer crimes, será expulso depois de cumprir a sua pena de prisão! Porque não queremos mais bandidos, já temos cá o suficiente! Por isso queremos que voltem esses sim para a terra deles! (Ventura, 2024b).

Finalmente, e à semelhança de outros partidos da direita radical no planeta, existe no Chega a liderança insofismável de um líder populista que emprega uma forte retórica personalista e combativa. Ventura posiciona-se como um *outsider* político, um “bom português”, oriundo de uma família simples e trabalhadora, que alcançou com o seu esforço pessoal o título de doutor. A imagem cultivada de “homem do povo” mobiliza, assim, tanto elementos populares (origem familiar, linguagem direta) quanto marcadores de respeitabilidade (formação acadêmica, religiosidade), equilibrando proximidade e autoridade. Esta combinação permite-lhe apresentar-se como representante autêntico dos valores e preocupações do “português comum” e como agente transformador capaz de desafiar o *status quo* político.

O carisma de André Ventura como político combativo, jovem, viril e que não tem medo de dizer “as verdades”, é uma das chaves de interpretação do êxito eleitoral do Chega. Sua retórica desafiadora às elites políticas tradicionais e ao “politicamente correto” agita larga fatia do eleitorado, que se sente marginalizada e descontente com o atual sistema político. Ela também se dirige a diferentes estratos sociais e localidades a partir de uma estratégia multidimensional de comunicação, com o uso intenso das redes sociais. A imagem de *self-made man* permite a Ventura criticar políticas redistributivas e de assistência social sem parecer indiferente às dificuldades socioeconômicas, ao sugerir que o modelo de sucesso individual que ele representaria constitui alternativa superior às políticas públicas orientadas à equidade.

A estrutura organizacional do Chega é muito centralizada em torno de sua figura. Sua reeleição como presidente do partido, em 2024, obteve 98,9% dos votos e evidencia o forte apoio interno que ele possui. Tal nível de centralização confirma o controle substancial que Ventura exerce sobre a direção e as políticas do partido e, segundo seus críticos, ele não admite competição interna. A influência de Ventura impacta em larga medida o debate público e político em Portugal. Sua retórica populista força os outros partidos a responderem aos seus temas prioritários, como corrupção, imigração e segurança, deslocando o eixo do debate político para a direita radical. Esse impacto demonstra a centralidade de Ventura não apenas dentro do Chega, mas também no cenário político português como um todo.

“Nós somos a única solução para Portugal! Dê-me uma oportunidade. Somente uma! Vamos limpar a corrupção em Portugal!” (Ventura, 2024c).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ascensão meteórica do Chega e o protagonismo de suas lideranças juvenis nessa trajetória revelam um fenômeno que, embora situado nas particularidades do contexto português, insere-se em uma dinâmica global de expansão da direita radical, cuja estratégia propagandística transcende fronteiras nacionais e opera em uma dialética complexa com o seu público-alvo. A relação entre os agitadores da direita radical e os jovens que constituem parte significativa de sua base eleitoral não pode ser reduzida a um simples processo de manipulação unidirecional, mas deve ser compreendida como um encontro entre técnicas discursivas calculadas e ansiedades sociais autênticas que encontram nelas ressonância e expressão.

A propaganda da direita radical contemporânea, exemplificada pelo Chega, atua em dois níveis complementares e simultâneos: por um lado, emprega sofisticadas técnicas de psicologia de massas que visam a produção calculada de efeitos irracionais; por outro, demonstra notável habilidade em capturar e verbalizar as insatisfações e frustrações reais, daquelas experimentadas pelas gerações mais jovens em contextos de crise econômica, precarização laboral e incerteza existencial.

O caso dos jovens deputados do Chega – Rita Matias, Madalena Cordeiro e Daniel Teixeira – ilustra a capacidade do partido de desenvolver novos quadros que não apenas reproduzem discursos pré-fabricados, mas os adaptam e revitalizam a partir de suas próprias experiências geracionais. A habilidade desses jovens políticos em articular as pautas tradicionais da direita radical (anti-imigração, conservadorismo moral, nacionalismo) com questões especificamente juvenis como a precariedade laboral, as dificuldades de acesso à habitação e a falta de perspectivas de futuro, evidencia uma dinâmica de retroalimentação entre o partido e os seus representantes mais jovens que potencializa a sua penetração em segmentos etários tradicionalmente menos conservadores.

Ademais, a convergência entre velhas técnicas propagandísticas e novas mediações tecnológicas cria um ecossistema comunicacional eficaz para a difusão de conteúdos extremistas entre públicos juvenis, já socializados em uma cultura digital que valoriza a imediatez, a emocionalidade e a performance identitária. Para os jovens que cresceram em um ambiente midiático saturado e fragmentado, a simplicidade binária do discurso radical oferece não apenas respostas claras para problemas complexos, mas também uma gramática afetiva que permite ordenar experiências de vida frequentemente marcadas pela incerteza e pela instabilidade ontológica.

Essa dimensão existencial da propaganda radical é sobretudo significativa para compreender a sua atratividade para os jovens que, embora cronologicamente distantes das experiências históricas do fascismo, enfrentam condições materiais e sociais que os predispõem à receptividade a discursos que prometem restauração de uma ordem perdida. A precarização generalizada das condições de vida, aliada à erosão de perspectivas de futuro estável, configura terreno fértil para narrativas que oferecem tanto uma explicação para o sofrimento presente como uma promessa de redenção coletiva.

No caso específico da juventude portuguesa, a experiência geracional de uma crise econômica prolongada, que resultou em níveis alarmantes de desemprego e subemprego juvenil, emigração forçada e adiamento da autonomização, criou condições favoráveis à recepção de discursos que oferecem explicações simplificadas e bodes expiatórios facilmente identificáveis. A especificidade da extrema direita portuguesa contemporânea, representada pelo Chega, reside em sua capacidade de articular essa experiência geracional de precariedade com narrativas nacionalistas que recuperam seletivamente elementos do passado – em especial o período salazarista e o imaginário colonial – recontextualizando-os como ferramentas de interpretação do presente.

O protagonismo juvenil nessa trajetória desafia, assim, a associação automática entre juventude e posicionamentos progressistas. Esse desafio impõe a necessidade de repensar os pressupostos sobre a socialização política juvenil, incorporando à análise o modo como determinadas configurações sócio-históricas podem tornar discursos autoritários atraentes para as novas gerações. A superação dessa atração demanda mais do que contranarrativas ou desmascaramento ideológico. Requer o enfrentamento das condições materiais e existenciais que tornam esses projetos sedutores. Requer, ainda, a criação de espaços de pertencimento e agência coletiva

não predatórios e a elaboração de linguagens políticas capazes de expressar ansiedades e frustrações legítimas sem canalizá-las para o ódio ao outro ou para soluções redentoras.

Apesar das valiosas contribuições já oferecidas por esta investigação, é imperativo apontar para a necessidade de pesquisas futuras que expliquem não somente como as juventudes partidárias se engajam e animam os projetos de poder da direita radical no planeta, mas compreender principalmente o porquê de certos segmentos juvenis se identificarem justamente com ela. Tal abordagem permitiria superar certas explicações deterministas ou monocausais, e revelar a interação dinâmica entre disposições subjetivas e condicionantes estruturais que produzem engajamentos políticos específicos. Com efeito, trata-se de uma agenda de pesquisa já em curso, da qual se espera que contribua não apenas para o entendimento dos processos de formação de subjetividades políticas autoritárias, mas também para a imaginação de futuros alternativos, nos quais ansiedades sociais legítimas encontrem expressão e acolhimento em projetos políticos orientados por princípios democráticos substantivos e por formas menos excludentes de organização da vida coletiva.

SOBRE A AUTORA

Débora Messenberg – Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo (2000). Pós-doutorado no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (2024) e na Universidade de Brasília (2006). Estágio Sênior no Latin American Centre – University of Oxford (2014). Atualmente é professora Associada 4 do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília. Membro da Diretoria da Sociedade Brasileira de Sociologia-SBS (2009–2011).

REFERÊNCIAS

1. ADORNO, Theodor W. *Estudos sobre a personalidade autoritária*. São Paulo: Unesp, 2019.
2. ADORNO, Theodor W. *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*. São Paulo: Unesp, 2015.
3. BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.
4. BIOGRAFIA: André Claro Amaral Ventura. Lisboa: Assembleia da República, [20--]a. Disponível em: <https://www.parlamento.pt/DeputadoGP/Paginas/Biografia.aspx?BID=6535>. Acesso em: 24 abr. 2024.
5. BIOGRAFIA: Rita Maria Cid Matias Filipe. Lisboa: Assembleia da República, [20--]b. Disponível em: <https://www.parlamento.pt/DeputadoGP/Paginas/Biografia.aspx?BID=7390>. Acesso em: 24 abr. 2024.
6. BIOGRAFIA: Madalena Cordeiro. Lisboa: Assembleia da República, [20--]c. Disponível em: <https://www.parlamento.pt/DeputadoGP/Paginas/Biografia.aspx?BID=8418>. Acesso em: 25 abr. 2024.
7. BIOGRAFIA: Daniel Teixeira. Lisboa: Assembleia da República, [20--]d. Disponível em: <https://www.parlamento.pt/DeputadoGP/Paginas/Biografia.aspx?BID=8832>. Acesso em: 26 abr. 2024.
8. BROWN, Wendy. *Nihilistic times: Thinking with Max Weber*. Cambridge: Harvard University Press, 2024.
9. BROWN, Wendy. *In the ruins of neoliberalism: the rise of antidemocratic politics in the West*. New York: Columbia University Press, 2019.
10. CARONE, Iray. Fascismo on the air: Estudos frankfurtianos sobre o agitador fascista. *Lua Nova*, n. 55-56, p. 195-217, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-64452002000100009>
11. CESARINO, Letícia. *O mundo do avesso: verdade e política na era digital*. São Paulo: Ubu, 2022.
12. CORDEIRO, Madalena. *[Perfil]*. ©2024. Instagram: @madalena.scordeiro. Disponível em: <https://www.instagram.com/madalena.scordeiro/>. Acesso em: 29 fev. 2024.
13. CORDEIRO, Madalena. *[Fazer Portugal a primeira casa dos jovens portugueses]*. 02 mar. 2024a. Instagram: @madalena.scordeiro. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/C2FHFqIDiT/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=NTc4MTIwNjQ2YQ==. Acesso em: 11 mar. 2024.

14. CORDEIRO, Madalena. *[Contra o Federalismo de Bruxelas, pela Europa das Nações]*. 31 jan. 2024b. Instagram: @madalena.scordeiro. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C2xeRM5ooOq/>. Acesso em: 20 mar. 2024.
15. ECO, Umberto. Ur-fascismo. *Folha de S. Paulo*, Caderno Mais!, 14 maio 1995.
16. FERNÁNDEZ-VÁZQUEZ, Guillermo. Vox na Espanha: semelhanças e diferenças com a família de extrema direita. *Sociologia Internacional*, v. 39, n. 6, p. 721-737, 2024.
17. FORTI, Stefano. *Extrema derecha 2.0: Qué es y cómo combatirla*. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 2021.
18. INSTITUTO DE CIENCIAS SOCIAIS (ICS); INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA (ISCTE). Sondagem Maio de 2024, para SIC/Expresso (parte 2). *Sondagens ICS*, 31 maio 2024. Disponível em: <https://sondagens-ics-ul.iscte-iul.pt/2024/05/31/sondagem-maio-de-2024-para-sic-expresso-parte-2/>. Acesso em: 19 abr. 2026.
19. JUVENTUDE CHEGA (JHC). *[O futuro não está perdido! O CHEGA e a sua Juventude irão sempre lutar pelos jovens. Nunca os iremos abandonar!]*. 05 mar. 2024. Instagram: @chegajuventude. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C4RHc-orGUq/>. Acesso em: 12 mar. 2024.
20. LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. *Como as democracias morrem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
21. LOWENTHAL, Leo; GUTERMAN, Norbert. *Prophets of deceit: A study of the techniques of the American agitator*. New York: Harper & Brothers, 1949.
22. MANUCCI, Luca. *Populists in power: From opposition to government in Western Europe*. Oxford: Oxford University Press, 2024.
23. MARCHI, Riccardo. *Populismo radical de direita e democracia em Portugal: O caso do Chega*. Lisboa: Edições 70, 2024.
24. MATIAS, Rita. *[Perfil]*. ©2024a. Facebook: @ritamatias.chega. Disponível em: <https://www.facebook.com/ritamatias.chega/>. Acesso em: 8 mar. 2024.
25. MATIAS, Rita. *[Perfil]*. ©2024b. Instagram: @ritamariamatias. Disponível em: <https://www.instagram.com/ritamariamatias/>. Acesso em: 8 mar. 2024.
26. MATIAS, Rita. *[Este vídeo é para ti, que estás cansado do mesmo de sempre! Vota diferente! CHEGA!]*. 06 mar. 2024a. Facebook: @ritamatias.chega. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=322097550420644>. Acesso em: 22 abr. 2024.
27. MATIAS, Rita. *[As mulheres portuguesas de hoje merecem ser lembradas lado a lado com as maiores da nossa história]*. 08 mar. 2024b. Instagram: @ritamatias_chega. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C4RCRd5ovHX/>. Acesso em: 23 abr. 2024.
28. MESSENBURG, Débora; CAMARGOS, Bruno. Os propagandistas do ódio: o bolsonarismo-raiz em ação. *Análise Social*, v. 59, n. 253, p. 2-24, 2024. DOI: <https://doi.org/10.31447/202318>
29. MUDDE, Cas. *The far right today*. Cambridge: Polity Press, 2019.
30. NORRIS, Pippa; INGLEHART, Ronald. *Cultural backlash: Trump, Brexit, and authoritarian populism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.
31. PORTUGAL. Sistema de Segurança Interna. Gabinete do Secretário-Geral. *Relatório anual de segurança interna 2023*. Lisboa: Sistema de Segurança Interna, 2024. Disponível em: <https://portugal.gov.pt/gc24/comunicacao/documentos/relatorio-anual-de-seguranca-interna-2023>. Acesso em: 10 jun. 2024.
32. RYDGREN, Jens (Org.). *The Oxford handbook of the radical right*. New York: Oxford University Press, 2018.
33. STANLEY, Jason. *Como funciona o fascismo: A política do "nós" e "eles"*. Tradução de Bruno Alexander. Porto Alegre: L&PM, 2018.
34. TEIXEIRA, Daniel. *[Perfil]*. ©2024. Instagram: @daniel.caetanoteixeira. Disponível em: <https://www.instagram.com/daniel.caetanoteixeira/>. Acesso em: 22 mar. 2024.
35. TEIXEIRA, Daniel. *[É chegada a hora na qual cumprir-se-á Portugal]*. 07 mar. 2024. Instagram: @daniel.caetanoteixeira. Disponível em: https://www.instagram.com/p/C6MqBobo-S9/?img_index=1. Acesso em: 22 mar. 2024.
36. TRANSPARENCY INTERNATIONAL. *Annual report 2023*. Berlin: Transparency International, 2024. Disponível em: <https://www.transparency.org/en/publications/annual-report-2023>. Acesso em: 20 ago. 2024.
37. VENTURA, André. *[Perfil]*. ©2024a. Facebook: @AndreAmaralVentura. Disponível em: <https://www.facebook.com/AndreAmaralVentura/>. Acesso em: 25 fev. 2024.
38. VENTURA, André. *[Perfil]*. ©2024b. Instagram: @andre_ventura_oficial. Disponível em: https://www.instagram.com/andre_ventura_oficial/. Acesso em: 25 fev. 2024.
39. VENTURA, André. *[Há políticos a mais e muitos não servem para nada!]*. 27 fev. 2024a. Instagram: @andre_ventura_oficial. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C33Cw-Iss7F/>. Acesso em: 8 mar. 2024.
40. VENTURA, André. *[Temos que fazer um pacto para a imigração]*. 28 fev. 2024b. Instagram: @andre_ventura_oficial. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C347S3gs62u/>. Acesso em: 12 mar. 2024.
41. VENTURA, André. *[Temos que mudar Portugal antes que seja tarde]*. 07 mar. 2024c. Facebook: @AndreAmaralVentura. Disponível em: <https://www.facebook.com/AndreAmaralVentura/posts/pfbidoEgBm4tHcrsjFwXbe6guzgNUxSp8pnLFTfxNJYRT1SckoFXLJknUHFtmGyVK5KBl>. Acesso em: 22 mar. 2024.

42. WAISBORD, Silvio. The elective affinity between post-truth communication and populist politics. *Communication Research and Practice*, v. 4, n. 1, p. 17-34, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1080/22041451.2018.1428928>

Submissão em 19 de novembro de 2025.

Aceito em 25 de fevereiro de 2026.

